

PRESENÇA DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

* Silvino SANTIN

1. A VERDADE COMO PROBLEMA INTELIGÍVEL

A filosofia surgiu como a primeira proposta com a pretensão, tal vez, de ser também a única de produção do saber verdadeiro, portanto, o único saber verdadeiro. Os gregos chamaram a este novo e original saber de **epistheme**, traduzido, em geral por ciência ou conhecimento. Os filósofos tornaram-se, assim, os homens do saber e da verdade, ou do saber verdadeiro. A imagem do filósofo, como o homem da ciência, e a idéia da filosofia, como ciência da verdade, fixaram-se em nossa tradição cultural. A história encarregou-se de preservá-la durante um período de quase dois milênios, ou seja, de Tales de Mileto até o surgimento de Galileu Galilei.

Neste longo período a filosofia abrangia todo o universo do real e do saber. A filosofia detinha os únicos métodos de investigação e, portanto, de acesso à compreensão e explicação de todas as coisas. Era a ciência que estudava todas as coisas através das causas últimas. Ela representava o último passo possível da razão em direção à inteligibilidade de tudo. Aos poucos o espaço real, monopolizado pelo filosofar, foi sendo reivindicado por novos projetos epistemológicos, sustentados por novas propostas metodológicas. Hoje a filosofia ficou restrita a um certo tipo de conhecimentos e a um número específico de problemas. Faz parte com outras ciências do conjunto das ciências humanas. E as ciências humanas, por sua vez, distinguem-se das ciências exatas. Dentro deste contexto há, ainda, os que não se preocupam em garantir à filosofia o título de ciência, pelo menos no sentido moderno de ciência. Sob este aspecto escreve FOUCAULT: "É necessário considerar as ciências humanas como sendo ciências. Elas não são, em absoluto, ciências. A configuração que define a positividade daquilo que hoje chamamos de 'ciências humanas' e que as enraiza na

* Professor Titular do Departamento de Filosofia-CCSH/UFSM.

epistheme moderna coloca-se fora do estatuto de cientificidade" (apud JAPIASSU, 1978, p. 169).

Acompanhando o raciocínio de Michel Foucault, pode-se questionar a existência de problemas filosóficos, especificamente filosóficos. É o que faz, nos parece, o LANDIM ao afirmar que "em primeiro lugar, é bastante questionável a noção de problema filosófico. Por outro lado, as filosofias que se compreendem como método de análise negam a existência de problemas exclusivamente filosóficos. Ao se definirem como método, essas filosofias rejeitam a especificidade de um conhecimento filosófico" (1983, p. 129). Fica claro, portanto, que o conceito de filosofia não aponta para um conjunto de conhecimentos de finidos, nem se constitui numa paisagem de harmonia. A filosofia, de alguma maneira, perdeu sua fisionomia e sua própria identidade dentro do conjunto do saber humano. Com isto não significa que ela tenha perdido seu papel fundamental de busca ou questionamento das con quistas do homem.

Não é objetivo deste trabalho entrar na discussão desta questão, mas simplesmente lembrar que a abrangência da filosofia, entendida co mo a epistheme grega, consistia no conhecimento produzido dentro das exigências do pensamento lógico-racional, em oposição às crenças mítico-religiosas e às opiniões vulgares e individuais. Fica claro, tam bém, que havia, ainda, a preocupação de se estabelecer distinções en tre matemática, biologia, astronomia, física, botânica, etc., como sendo ciências ou ramos autônomos do saber. Estas divisões e classi ficações só vão ocorrer do século XVII em diante. O saber, portanto, era visualizado dentro de uma ótica única, contínua e homogênea. A fi losofia era um termo genérico para designar, mais do que uma ciência, o conjunto global de todo conhecimento racional, e para garantir o ú nico método ou a única maneira de produzir o conhecimento humano ver dadeiro e válido. O método da epistheme grega gozava de validade universal, com trânsito livre na totalidade do real. Assim, pelo menos, pensavam os filósofos. Ele garantia inclusive, para os filósofos cristãos, uma sustentação racional para as realidades dividas e reveladas. As provas racionais, no estilo da argumentação tomista, sempre eram possíveis para garantir a veracidade dos dogmas revela dos.

Diante desta situação, a filosofia e os filósofos alimentaram a pretensão de serem os depositários exclusivos da metodologia correta e do conhecimento verdadeiro. No campo do saber e dos procedimentos da produção do saber não podia haver dúvidas, porque partia-se sempre de princípios universais, a priori estabelecidos, que gozavam de soberania absoluta e, portanto, inquestionáveis. A evidência os sustentava. Porque o que é evidente não necessita de demonstração. Com isto os procedimentos dedutivos tornaram-se a mola-mestra de toda reflexão e de qualquer pesquisa filosófica na busca das essências ou das causas últimas de todas as coisas.

2. AS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS

A partir do século XVI começaram as grandes mudanças no campo do saber humano, aliás não é um fato isolado, mas está plenamente inserido no contexto das grandes transformações que marcam o fim da Idade Média. A área das ciências é apenas mais uma que entra em crise frente às inovações que explodem em todas as direções.

Pode-se dizer que o movimento das grandes transformações começa com o Renascimento nas Artes do século XIV, continua com a Reforma Religiosa comandada por Lutero (1483-1546) e recebe um reforço decisivo da Revolução Copérnico-Galileana. É nesta última instância que acontecem as mudanças em relação ao saber. Por isto será este o ponto de preocupação do presente estudo.

Galileu Galilei (1554-1642) é a figura de maior envergadura dentro do processo das revoluções científicas. A história das ciências o consagrou como o responsável desta virada radical na construção das ciências modernas. Coube a ele organizar, pela primeira vez, uma ciência autônoma, sem a dependência da filosofia e, em especial, sem a tutela da teologia. A física galileana, proclamando sua independência ao instaurar um novo estatuto do saber, constitui-se na ciência moderna modelar, isto é, na matriz de todas as ciências modernas. O modelo da Física passou a ser adotado para a construção de outras ciências como a Astronomia, a Matemática, a Química, a Biologia e todas as demais que foram surgindo.

Com o surgimento das ciências modernas, o espaço da filosofia foi se reduzindo cada vez mais, perdendo inclusive o direito que se

havia arrogado de ser a única depositária legítima da verdade e do saber. As instâncias da verdade passam agora a ser controladas pelos cientistas. Ainda mais, a situação inverte-se no momento em que os filósofos buscam nas ciências modernas um método rigoroso, capaz de solucionar as controvérsias do campo filosófico. Os filósofos, no fundo, procuram transformar a filosofia em uma ciência rigorosa. Descartes é o primeiro a colocar a necessidade de um método eficaz. Kant reforça a posição cartesiana instaurando seu criticismo radical. Marx proclama-se como fundador da única filosofia científica. Husserl traça o quadro da filosofia como ciência rigorosa. Os neopositivistas atuais ainda sonham com a exatidão objetiva do conhecimento filosófico.

Tudo isto mostra a atitude dos homens das ciências em aceitar o controle exclusivo dos métodos empírico-matemáticos sobre a produção do saber verdadeiro e válido. A metodologia baseada na experiência e na verificação substitui a abstração. Os procedimentos indutivos tomam o lugar dos procedimentos dedutivos. Daqui para frente a verdade e a validade dos enunciados, do conhecimento e do raciocínio não serão mais iluminadas pelos princípios universais a priori estabelecidos, mas encontrarão nos fatos seu fundamento, pois estes lhes fornecem as condições de verificabilidade e demonstrabilidade. Os fatos, portanto, passam a constituir a última fonte do saber, pelo menos do saber científico. Começa-se a pensar no dia em que as ciências explicarão tudo, pois o inexplicável não existe. O que existe é uma situação de ignorância.

Um novo ideal de verdade se instala. A verdade não podia mais repousar nos textos ou livros do passado, muito menos nas tradições religiosas. A verdade devia surgir da leitura do livro da natureza que, segundo GALILEU, "está escrito com sinais que diferem daqueles de nosso alfabeto e que são triângulos e quadrados, círculos e esferas, cones e pirâmides" (apud ALVES, 1981, p. 72).

3. CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

É importante acentuar que a passagem do Geocentrismo para o Heliocentrismo não só representou e se constituiu no símbolo da Revolução Copérnico-Galileana, significou também a mudança do nosso siste-

ma cósmico. Surge assim uma nova cosmologia que introduziu uma rachadura no mundo do homem. Desta rachadura emerge como consequência uma nova antropologia. O mundo ficou dividido em dois. Dois mundos e duas verdades. A verdade da ciência ou do mundo, e a verdade do homem. A verdade da ciência é indiferente às verdades do homem. O universo Constituído e construído pelos objetos da ciência será regido por normas rigorosas e impassíveis. O mundo, como morada do homem, construído por narrativas míticas e crenças religiosas ou convicções subjetivas, desaparece. A ordem humana individual e social passam a sofrer duros ataques sendo submetida a alterações profundas e contínuas até os nossos dias. As velhas certezas e as velhas verdades passam pelo crivo dos métodos empírico-rationais. Poucas resistem. As grandes significações, que nortearam o homem até aqui, acabaram esvaçadas de seus conteúdos, pois no universo das ciências não haverá mais lugar para a harmonia das esferas e muito menos para as cantatas dos anjos, das quais falam Kepler e Pascal. A situação humana fica reduzida, na expressão de JUPIASSU, "ao estado desolador de um deserto de valores" (1978, p. 30). Diante do mundo matemático e geométrico construído pelo paradigma galileano, PASCAL exclama: "O silêncio eterno desses espaços infinitos me aterroriza, pois o homem se situa sob um céu onde não se fazem mais ouvir nem a harmonia das esferas celestes nem as cantatas dos anjos" (apud JUPIASSU, 1978, p. 19).

Neste contexto de profundo caráter revolucionário, emerge a ciência moderna pelas mãos de Galileu Galilei. E surge, ao mesmo tempo, o novo homem em busca das verdades objetivas, o cientista. O encontro da verdade objetiva vai exigir que o homem abdique de sua situação existencial e seja obrigado a revestir-se dos ares da imparcialidade, na medida que precisa substituir sua consciência subjetiva pela razão universal, e aparelhar-se com os métodos lógico-matemáticos. Desta maneira cria-se, define-se e consolida-se o irreversível império da Ciência e da Tecnologia,

A partir desse momento o homem passa a defrontar-se com três grandes projetos e imagens do mundo que, em última análise, iriam determinar os rumos das lutas e das desilusões da situação humana. A imagem galileana do mundo, como um livro escrito em caracteres matemáticos, constitui o primeiro projeto. A segunda imagem do mundo está baseada na idéia de um mundo harmonioso definido por KEPLER ao dizer que

"os movimentos celestes nada mais são que uma canção para várias vozes" (apud ALVES, 1981, p. 70). E por fim a imagem do mundo, a mais antiga, que nos vem da tradição bíblica expressa no Salmo 19, onde se lê: "os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos".

Três imagens conflitantes e três projetos diferentes desafiam o homem. Um homem abalado pela destruição de sua morada. Uma morada construída no centro do universo geocêntrico. O homem, o patriarca desta morada por obra do Supremo Criador, de repente sente-se jogado para um minúsculo planeta de um sistema solar, situado numa galaxia, entre outras galaxias de um universo incomensurável em movimento, sem saber o rumo, pelos espaços infinitos. Esse espaço que Newton tenta decifrar-lhe as leis, mas que no dizer de SCHELLER, "é o vazio do coração" (apud JUPIASSU, 1978, p. 19). O homem precisa reconstruir-se com a presença destas três imagens do mundo e tentar refazer seu projeto pessoal. Diante deste desafio a angústia de Pascal parece resumir a angústia de todos os homens. Sim Pascal, o amigo de Galileu, apesar de admirado com as grandes propostas da física galileana e dos novos caminhos que se abriam ao homem, frente ao que via acontecer e em previsão às possíveis conseqüências, exclamou: "o silêncio eterno desses infinitos me aterrorizam" (apud JUPIASSU, 1978, p.30).

O homem, talvez surpreendido pela velocidade com que os fatos aconteciam, não teve tempo para decidir sobre seu futuro. Não teve espaço para escolher seu projeto, pois a ciência moderna trazia em seu bojo também o projeto para o homem do futuro. Na sua própria instauração, a ciência instaura a proposta da construção do conhecimento verdadeiro juntamente com a nova proposta do que deve ser o homem. A exemplo do que pretendia a filosofia, a ciência se coloca como o único caminho para se chegar à verdade. A verdade científica, portanto, passa a ser a **Verdade**, isto é, a única verdade, o que significa dizer a verdade do homem também.

4. A REAÇÃO DOS FILÓSOFOS

Os filósofos sentiram a força da nova ciência e perceberam as conseqüências. Os constantes conflitos na área da filosofia revelaram que as grandes teses da filosofia, entendidas como conhecimentos

verdadeiros e objetivos de caráter universal e necessário, não gozavam de aceitação universal. Fato que Kant, algum tempo depois, explicitava com clareza dizendo que a metafísica, devendo ser a ciência das ciências, não passava de um campo de batalha. A nova ciência arrebatara da filosofia, sem que essa pudesse oferecer resistência, o ideal da construção da verdade. Isto porque seus princípios eram mais seguros, seus métodos mais precisos e seus resultados eficazes. Os filósofos, na ânsia de sobreviver como instauradores de conhecimentos, agarram-se a idéia de universalidade. As ciências são parciais, dizem eles, na medida que cada ciência define seu objeto e estabelece seus métodos, o que não lhes permite manter a abrangência de toda a realidade. O caráter da abrangência da totalidade desaparece com a divisão das ciências. Assim tem-se, apenas, conhecimentos limitados e circunscritos à áreas. Surgem regiões epistemológicas. Não há mais um conhecimento do universal. É justamente este o ponto que a filosofia busca garantir para si mesma. É na idéia da universalidade que residiria, atualmente, a nova fisionomia do filosofar. E os filósofos ressurgem com vigor. Descubrem que é preciso desvincular-se dos textos aristotélicos e passam a construir uma nova reflexão e um novo discurso tendo como base a razão e os avanços cognitivos da mesma sobre a realidade. A razão será o caminho da filosofia moderna.

Tudo isto não aconteceu ao acaso, mas os fatos mostram que houve, com o surgimento das ciências, uma inversão da ordem na formação dos novos filósofos. Os fundadores das ciências modernas, entre os quais Galileu, Gassendi e Newton saíram dos quadros da filosofia, ou simplesmente dito, eram filósofos. Das questões metafísicas chagaram aos problemas da experiência empírica. Agora, os novos filósofos passam dos quadros das questões científicas para os problemas filosóficos. Descartes (1576-1646) é o primeiro. O autor das coordenadas cartesianas traça o perfil e os rumos da filosofia moderna. Kant (1724-1804) tira da física os conceitos de espaço e de tempo para construir suas categorias transcendentais de espaço e tempo, colocando-as como base de suas Críticas e condição única da fundamentação do conhecimento humano. Hegel (1720-1831) põe em relação as quatro substâncias azoto, oxigênio, hidrogênio e carbono como organização do conceito que constitui a "totalidade da noção". O próprio Hegel, juntamente com Schelling e Franz Baader, não exitou em aceitar

O oxigênio como o verdadeiro momento da explicação geral. Husserl (1859-1938) seja, talvez, o último grande filósofo a pretender, aliado nas ciências, fazer da filosofia uma ciência rigorosa.

A idéia da universalidade do saber não abandonou até hoje os filósofos. Jean Ladrière, professor da Universidade de Louvain, tenta, em seu livro "Os desafios da racionalidade", mostrar que a idéia diretriz da filosofia é o universal, em oposição às ciências, cuja a idéia diretriz é o particular.

Os filósofos modernos empenharam-se seriamente em manter a validade e a legitimidade do discurso filosófico e da pesquisa filosófica diante das novas exigências de verdade, impostas pelas epistemologias científicas. A falta de consenso nas hostes filosóficas se devia à carência de um método seguro e eficaz como o das ciências experimentais. Foi na tentativa de construir esse método que surgiu a dúvida metódica cartesiana, que apareceu o criticismo kantiano e que a fenomenologia husserliana apresentou a idéia do Eu Puro, ou que Marx chegou ao materialismo dialético. Todos caminhos possíveis, segundo seus autores, para se desenvolver uma filosofia científica.

Aos poucos os sonhos de cientificidade das filosofias modernas e contemporâneas foram se desfazendo. Mas, se fracassaram em seus objetivos imediatos de cientificidade filosófica, não se pode negar a abertura de espaços para uma série de alternativas bem sucedidas. A dúvida metódica possibilitou a prática do questionamento e a implantação de um novo ponto de partida para a construção do saber. As escolas neokantianas mostraram as diferenças entre as ciências humanas e as ciências naturais ou exatas. As correntes marxistas centraram as atenções sobre os grandes problemas sociais. Problemas que estão definitivamente vinculados ao próprio conhecimento e às pesquisas filosóficas, sem deixarem de lado uma análise de suas relações com a ciência e a técnica. Por fim as correntes existencialistas, sem a preocupação com o ideal fenomenológico de uma ciência rigorosa, mergulharam nas situações concretas, subjetivas e cotidianas da existência humana.

5. SIGNIFICADO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Está na hora de perguntar, o que significa tudo isto para a Edu

cação Física?

Em primeiro lugar, é preciso salientar que, com a predominância das ciências naturais e exatas, o eixo sobre o qual gira a escola passa das matérias humanísticas para as disciplinas, ditas profissionalizantes. Já não se ensina línguas, história, filosofia, etc., mas se reduz tudo ao ensino da matemática, física e biologia. As universidades operam dentro de suas atribuições a mesma inversão. Os alunos já sabem que precisam de ciência e não de poesia. Pouco adianta, dizem, saber arte, português, literatura, história ou música; o importante é saber aritmética, álgebra, geometria física e química. É isto que o vestibular exige. E dentro deste novo quadro onde se situa a Educação Física? Onde está o espaço que lhe é reservado?

Para responder a estas perguntas, penso eu, torna-se fundamental a reflexão filosófica. E aqui, vejo o ponto central deste estudo, porque a mudança do campo filosófico, a reflexão filosófica passou a estar ao alcance de todos, já que ela pode ser definida a partir de suas funções. Estas funções não estariam dirigidas para a produção de conhecimentos, pelo menos sob o ponto de vista de verdades de rigor lógico-matemático, mas como uma percepção compreensiva e interpretativa da realidade.

Além disto, a filosofia se desenvolve, hoje, mais como uma reflexão questionante, do que como uma explicação. Não se trata de uma negação das verdades científicas. Trata-se de uma indagação sobre as possíveis significações e intencionalidades a serem detectadas, seja enquanto são intenções e sentidos do autor, seja enquanto são intenções e sentidos despertados na mente do leitor. É o questionamento como exercício da suspeita, da denúncia e da desmistificação. Denuncia-se falsas consciências para a restauração da verdadeira consciência. A verdade, assim, recupera o sentido original de "**aletheia**" dos gregos. A verdade como algo que se desvela e manifesta, ou o oculto que se torna visível.

Este processo de questionamento não é algo inconsciente, mas ele se constitui e se desenvolve a partir de um paradigma assumido. O paradigma é uma matriz ou um ponto de referência, a partir do qual se olha, observa e interpreta a realidade. Múltiplos paradigmas foram instituídos como instrumentos de leitura ou de compreensão do mundo

circundante. Na tradição bíblica cristã encontramos o paradigma criacionista através do qual se conhece o Criador e toda a obra da criação. A causalidade linear constitui o paradigma grego para explicar o acontecer e o existir de todas as coisas. Galileu traçou o paradigma lógico-matemático-geométrico para ler o livro da natureza. E seria possível evocar muitos outros paradigmas. Inclusive pode-se falar em paradigmas de ordem puramente pessoal. O paradigma é uma exigência do próprio modo de ser do homem. Ninguém consegue olhar uma paisagem de nenhum lugar, ou de todos os lugares. Ela será sempre visualizada a partir de um lugar determinado. O paradigma faz parte deste lugar, ele é este lugar situado. E tudo o que é visto está sujeito à compreensão e à interpretação da ótica paradigmática. O homem olha, percebe e interpreta situado sempre em algum lugar.

A partir do questionamento e guiada pelo paradigma adotado, a reflexão filosófica busca traçar os componentes básicos de uma compreensão da realidade humana, e, fundada na mesma, passa a traçar linhas de estratégias para intervenção nesta mesma realidade. Será a partir desta compreensão que o homem passa agir. Manutenção ou mudanças da ordem vigente estarão sempre vinculadas ao referencial teórico contido no paradigma assumido.

E como último momento de um mesmo movimento, a reflexão filosófica estará sempre voltada sobre si mesma. Tudo vai acontecendo de maneira dialética. Sem um antes e um depois. Há uma simultaneidade. Há um crescimento que acontece em fazer e refazer todas as funções, por que não são distintas. Uma não acontece sem a outra. É impossível desvincular o questionamento de seu paradigma, da interpretação e da ação. Há um renovar constante de cada elemento deste movimento reflexivo. A arte da suspeita deve ser sempre mantida para que o paradigma se renove e as interpretações sejam adequadas. Assim, as intervenções tornam-se consistentes e eficazes porque adequadas às exigências do momento presente. Não há uma analítica como no uso de audiovisuais, onde se obriga o aluno pensar por etapas passos calculados para que no final chegue à conclusão dirigida. Este processo torna difícil a visão do todo. Na reflexão proposta, busca-se mergulhar no todo para jamais separar as partes do conjunto, mas captá-las, exatamente, em sua vinculação com o todo. Nunca na medida que é pos-

sível separá-las do todo. É preciso sentir a organicidade da reflexão como um organismo vivo.

Com este instrumental de uma possível reflexão filosófica poderíamos, portanto, penetrar o universo da Educação Física. Seria possível detectar como ela aparece na escola e em nome de quem atua. Como se situa na vida de cada um, como é desenvolvida nas atividades educacionais. Qual a valoração que recebe no contexto de uma cultura, ou de uma perspectiva política e social.

Dertró da dinâmica do paradigma da filosofia questionante, pode-se levantar várias indagações. Tais questionamentos podem nos levar à compreensão do papel e importância da Educação Física na vida individual, na esfera educacional e no espaço social. Por exemplo: como são constituídos os currículos dos cursos e como se situam no contexto da educação em geral? Em que base ou com que intenções se selecionam, exigem e praticam certos exercícios físicos? Qual a compreensão de homem, ou se quisermos, que antropologia dá suporte para se definir as atividades em Educação Física? A quem é dirigida a Educação Física? Por que alguns são excluídos da Educação Física? Uns pelo comando da lei, outros por decisão do próprio objetivo da Educação Física.

Todas estas questões podem muito bem ser respondidas pelos profissionais da Educação Física. A reflexão filosófica poderá suscitá-las, mas a resposta está muito mais para o lado da Educação Física do que do lado da filosofia.

Múltiplas intenções e distintos valores entram em jogo para se impor ou procurar a Educação Física ou determinados exercícios. Não se exclui a presença de forças econômicas, ideológicas, políticas, religiosas, estéticas.

Creio que uma reflexão filosófica conduzida dentro destes moldes pode ser praticada por todos. Assim cada um pode descobrir os mundos e submundos do universo humano vinculados às práticas da Educação Física e de seu principal aliado, o esporte. Sem dúvida é aqui, precisamente neste momento, que a filosofia se torna responsável pelos rumos da Educação Física e de toda a educação. A filosofia se torna responsável não por que ela decide, mas porque se torna o suporte teórico das atividades educativas. Na verdade os rumos da Educação

Física são determinados por uma filosofia assumida conscientemente ou inconscientemente. E a reflexão filosófica poderá desmascarar esta inconsciência mostrando em nome de que e de quem se pratica um tipo de educação.

Com isto não se pretende impor, em nome de uma filosofia, uma compreensão da Educação Física, mas apenas chamar a atenção sobre as práticas educativas desenvolvidas, e lembrar que elas são conseqüências de uma opção filosófica e de uma decisão política. Seria, então, interessante que cada um de nós soubesse em que grau contribuiu para fazer a opção, e de que maneira participou para que a decisão fosse tomada. Tais opções e tais decisões definem os rumos da Educação Física desenvolvida em nossas escolas.

É esta presença da filosofia que pretendi expor, não para vender um paradigma ou uma doutrina filosófica, mas uma reflexão filosófica possível de ser praticada dentro do espaço da Educação Física, como uma constante atitude questionante. É fundamental, segundo meu entender, para a Educação Física e para todo aquele que exerce atividades educativas, manter esta eterna vigilância através da reflexão filosófica

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BIBLIA SAGRADA. Salmo 19.
- 2 ALVES, Ruben. **A Filosofia das Ciências**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 3 JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e morte das Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- 4 LANDIM, Raul. Notas sobre o conceito de pesquisa em Filosofia. **Cadernos de História e Filosofia das Ciências**, Campinas, (5): 128-131, 1983.

Recebido para publicação em: 21/4/87.